

## Tempos de Revolução Moçambicana

O fogo de morteiros fez-se ouvir na linha de horizonte. A coluna militar parou à ordem do Comandante Chamissoro, e espalhamo-nos pelas bermas da picada que dava para o Dondo.

Naqueles tempos do após independência de Moçambique, a paz durara pouco tempo. Havia demasiados interesses em jogo para que qualquer das partes largasse Moçambique nas mãos de um único partido.

Uns anos antes, em 1974, os acordos entre a FRELIMO e os representantes revolucionários de Portugal ditaram a entrega, sem condições, do poder absoluto nas mãos dos guerrilheiros que durante os anos da guerra colonial eram conhecidos na Metrópole pela designação de terroristas. O processo de transição foi célere, como convinha a ambas as partes, não sem protestos das outras partes interessadas e deixadas de fora desta partilha.

Após a tomada do poder pela FRELIMO, assiste-se a uma campanha massiva de politização e sensibilização das massas, independentemente da sua cor, credo ou nacionalidade, através da realização de comícios nas escolas, fábricas, empresas, campos agrícolas, cidades e aldeias, no sentido de incutir o espírito revolucionário socialista de uma esquerda marxista-leninista de inspiração soviética, e assim construir um Moçambique novo, numa sociedade sem exploração do Homem pelo Homem. Nos casos mais renitentes, impunha-se o *gulag* na forma de campos de reeducação que garantiam a conversão dos mais teimosos... assim eram aqueles tempos gloriosos, de uma crença absoluta nos valores do materialismo dialético, tão puros quanto utópicos.

- Camarada M., é melhor colocar o camuflado, os mabandidos andam perto...

- Certo, Camarada Chamissoro.

Eu tinha estatuto de cooperante português, embora pertencesse à categoria dos que já lá viviam antes da independência. Outros cooperantes tinham chegado um pouco de todo o mundo após a independência, com particular destaque para os Soviéticos, Alemães da ex-RDA, Búlgaros, Chineses, Portugueses alinhados com o PCP, e Brasileiros assumidos de esquerda. Como civil e cooperante na área de manutenção das telecomunicações, eu não me sentia obrigado a envergar fardas ou a inscrever-me no partido, preferindo manter-me politicamente neutro.

A equipa de batedores macondes experimentados naquela luta de guerrilha contra as forças da RENAMO, os mabandidos de então, colocou-se no terreno à nossa frente, progredindo devagar mas

determinadamente, naquele terreno potencialmente minado, já tão próximo da Beira, a grande cidade do centro de Moçambique.

Só nos restava aguardar que o caminho ficasse livre para podermos fazer o nosso trabalho.

- Luís Sambo, ainda tens aí Coca-Cola?

- Nada, M., acabou ontem... aguenta!

Estávamos em viagem desde a noite anterior, e a fome e a sede apertavam. Havia que conseguir chegar à vila, e aí talvez conseguíssemos restabelecer as forças. Restava aguardar em silêncio.

Três anos volvidos após a independência, os bens comestíveis eram escassos. As filas e as senhas de racionamento eram o dia a dia das gentes da cidade. Na obtenção de comida e bens essenciais, o dinheiro de pouco servia. Era precioso ter conhecimentos. Bons conhecimentos. Ou então ter acesso às lojas francas reservadas aos cooperantes de Leste, onde apenas aceitavam divisas como forma de pagamento. Enquanto a uns poucos nada faltava, o Povo sofria com a guerra dos mabandidos.

O meu director, um Russo com cara de poucos amigos, ocupava um dos escritórios no primeiro andar do antigo Rádio Scala na baixa de Maputo, tinha-me atribuído mais uma daquelas tarefas que pelos vistos mais ninguém tinha interesse em aceitar.

- Camarada M., tenho aqui um novo contrato de trabalho para ti... o comissário político deu parecer favorável à tua continuação na reconstrução de Moçambique. Bom, já agora, vais ter de ir outra vez reparar as torres de transmissão do corredor da Beira. É tudo. Bom trabalho!

As deslocações em serviço para fora da capital eram cada vez mais arriscadas. Já não bastava ter de lutar com a falta de peças, ainda era preciso lutar para chegar ao local da intervenção. E aquele corredor da Beira era vital para o transporte ferroviário de bens entre o porto da Beira e o interior até à fronteira com os países vizinhos em Machipanda.

Na semana anterior, um antigo colega de escola, mecânico ali para os lados do Alto-Maé, foi avisando:

- M., pá, se eu fosse a ti, não alinhava tanto com os tipos da FRELIMO. Eu sei que a RENAMO prepara mais acções de retaliação contra os cooperantes... se fosse a ti, eu metia férias em Portugal...

Não liguei demasiado ao aviso. Sabia que a FRELIMO controlava o território, com o apoio empenhado dos Soviéticos. Era improvável uma acção demolidora por parte da RENAMO, a não ser que os apoiantes financeiros se empenhassem de igual forma, e não parecia

que a África do Sul, então a grande inimiga de Moçambique e a potência regional com a melhor capacidade financeira e logística, estivesse interessada num confronto militar mais aberto. Era verdade que de vez em quando se ouvia falar de um cooperante ou de um missionário que desapareciam. Como as notícias eram censuradas, não havia maneira de saber o que de facto se passava.

A verdade é que naquele corredor da Beira, o sistema de comunicações de voz, baseado em transmissores UHF da Storno, mais tarde substituídos por equipamento de Leste, era repetidamente sabotado.

Desta vez levávamos já os equipamentos de reserva para substituir os avariados nas estações, junto das torres de 25 metros onde estavam montadas antenas direccionais. Mas era preciso subir lá acima, para inspeccionar e reparar os estragos nas antenas.

Numa região plana como aquela, um sujeito pendurado numa torre a 25 metros de altura é um alvo a abater, visto a vários quilómetros de distância., ainda por cima se for de pele clara.

Está visto que ninguém estava interessado em ser abatido em plena selva africana, com o estômago a dar horas, desidratado, sobretudo se o sujeito puder ficar nos gabinetes da capital... então se o M. era o mais novo e o mais voluntarioso, que fosse ele. Ainda por cima dominava bem aquela tecnologia, e mais que tudo, era um Português conhecedor das gentes e cultura locais...

Na verdade, eu apreciava aquelas deslocações para o mato, contrastando com a vida pachorrenta da capital. O sabor da aventura. A descoberta de novas terras e gentes. A sensação de estar em férias permanentes...

A minha equipa era constituída por quatro técnicos auxiliares que respondiam a mim. Todos eles eram Landins e naturais de Maputo e arredores. Funcionávamos em equipa. As decisões eram tomadas em conjunto. Como mais novo, eu ouvia as suas opiniões. Desta forma eu conseguia a sua total disponibilidade.

Três meses antes eu tinha ido reparar os sistemas de navegação das lanchas da Marinha no Lago Niassa, ao norte de Moçambique. Dessa vez não pude levar nenhum dos meus elementos. Devido à nacionalização de todas as empresas do sector da electrónica, o pessoal foi redistribuído. Por isso daquela vez impuseram-me um tipo que eu não conhecia, o Jorge Tembe.

Passámos quase dois meses naquela base naval de Metangula nas margens do lago. Basicamente, eu trabalhava como podia, e o Jorge divertia-se como podia.

A vida naqueles sítios era um pouco diferente do ambiente mais pesado da capital. Ali o poder central era uma coisa lá longe, na distância do tempo. Vivia-se em paz. Ali não havia mabandidos. Naqueles tempos toda a gente fumava. Maços de LM, GT, Palmar, e todas as variantes de tabaco tradicional de enrolar em belos charros ou então queimado em cachimbos artesanais. Sabendo eu das dificuldades de abastecimento no norte, enfiei na mala uns quantos volumes de Palmar, suficientes pelo menos para um mês de estadia.

Depois de três dias de viagem, primeiro de jacto comercial de Maputo a Nampula, depois de camião até Lichinga, onde estava um frio de rachar (era Inverno, em pleno mês de Julho) e finalmente de jipe até Metangula, onde o lago Niassa impunha temperaturas mais amenas, eu estava estafado e esfomeado, depois de passarmos o último dia sem comer nem beber, sentados na cabine do jipe aguardando ordem de marcha.

Chegar ao quartel de Metangula e ser convidado para a messe dos oficiais foi um luxo e um alívio indescritíveis. Ao ver a mesa servida com as pratas da antiga Marinha de Guerra Portuguesa, senti-me um pouco perdido no tempo. Estávamos em plena revolução, mas vieram-me à memória os gloriosos feitos de Portugal, como eu tinha estudado nos manuais de História de Portugal. Mas as surpresas não ficaram por aqui. O jantar era constituído por toneladas de batata frita, acompanhada de fatias de carne de conserva das rações de combate portuguesas. Acho que nunca um jantar me soube tão bem, apesar de um leve sabor amargo....

As vias de comunicação simplesmente não funcionavam. Depois de um ano fantástico de produção de batata no planalto de Lichinga, como não havia modo de a escoar, simplesmente ficou no terreno a apodrecer. Claro que em Lichinga e em Metangula se comia batata diariamente. Batata frita com peixe frito do lago. Batata frita com salsicha de conserva da Marinha de Guerra. Batata cozida com couve. Só batata frita. E foi assim quase dois meses. Um luxo por aquelas bandas! Fome não passámos!

Como não havia mais nada para fazer, trabalhava-se na identificação das avarias, e encomendavam-se as peças via rádio. Depois era aguardar calmamente nas margens do lago, apoiado pelos maços de tabaco trazidos na bagagem. A camaradagem é uma coisa bonita de se ver. O tabaco durou um dia, e não chegou para todo o regimento. Valeu depois a iniciativa local, onde se cultivava

tabaco misturado a suruma, que servia depois para fazer umas belas tranças de folhas secas que eram comercializadas a baixo preço. Para animar os fins-de-semana, o cantineiro local recebia uma vez por semana umas grades de cerveja que esgotava antes de chegar, e era bebida avidamente bem quentinha. Como não chegava para as encomendas, o pessoal atirava-se mais uma vez para a iniciativa local, e serviam-se umas belas taças de aguardente de caju que conseguiam levar-nos para outra dimensão da realidade da qual era difícil depois sair. Que o diga o Jorge, que na segunda-feira seguinte, ficou na cama a tremer o dente de frio, dizia ele.

Num dos trabalhos, depois de ter conseguido colocar em funcionamento um emissor de ondas curtas de alta potência, capaz de conseguir ligações garantidas desde Metangula a Maputo, desatei a testar o equipamento, carregando freneticamente e sincopadamente a chave Morse de modo a garantir a sua boa fiabilidade. Eu nunca aprendi a manipular Morse. Quando levanto os olhos, estavam todos os militares da operação de transmissões a olhar muito sérios para mim:

- Camarada M., que é que esteve a transmitir? Não percebemos nada do que disse...!

Mas a parte mais interessante do trabalho consistia em adivinhar que raios queriam os Russos dizer no manual de serviço dos Radares PPI instalados nas lanchas das patrulhas, sobre os procedimentos de calibração dos Klystrons. Os esquemas electrónicos usavam uma simbologia quase universal, agora o texto russo escrito em cirílico era demais para mim. Os Klystrons têm a função de osciladores de micro-ondas, e são muito delicados no trato e calibração. Um deslize, e lá tínhamos mais duas semanas de espera de material, passados nas margens do lago a enrolar tabaco.

- Camarada Pfumo, podes ajudar aqui na tradução?

- Hum, aqui diz que tens de agarrar a energia a 25 amperes antes de animar o coiso...

- Está certo, já percebi....

O Camarada Pfumo tinha estudado russo numa das bases de treino na Tanzânia. Mas de electrónica, pouco sabia.

O restolhar de uns passos bem perto da micaia onde eu me tinha sentado a descansar, trouxe-me de volta à realidade da missão de risco que eu tinha aceite fazer ali no perigoso corredor da Beira.

- Camaradas, podemos avançar. Motoristas liga motores e vamos embora!

Na chegada à primeira estação de transmissão fomos recebidos pelo chefe da estação, que lá nos foi matando a sede como pode. Equipamentos substituídos, verificação de energia efectuada,

calibração do andar de potência sobre uma carga passiva de teste, tudo sem problemas. Agora a antena é que não funcionava, provavelmente estaria danificada, lá no cimo da torre...

- Bem, temos aqui um problema... é preciso ir lá acima...

- Pois...

- Mas talvez não seja da antena?...

- Não sei... Pode ser...

- Vamos ter de tirar à sorte, para ver quem é que vai lá acima?

- Ou então podíamos esperar pela noite, e depois subíamos todos...?

- É pá, que se lixe! Vou eu lá acima ver o que se passa!

- Camarada M., não pode fazer isso. Temos mais estações para reparar. Você fica aqui em baixo. Camarada Luís Sambo! Trepá rápido lá para cima! Executar!

E lá foi o bom do Luís Sambo pela torre acima, a fazer contas à vida...

Mas teve sorte. Daquela vez, os mabandidos já estavam demasiado longe para o poderem atingir.